



Saudade de Carolina¹
Deisy das Graças de Souza
Universidade Federal de São Carlos

***“Minha esperança é a juventude;
Os jovens vão levar isso à frente...”***

Carolina Martuscelli Bori
Debatendo a proposta de criação do Curso
de Psicologia na UFSCar, em 1993

“Uma imagem que pode representar a atuação de Carolina é a de um ponto de luz, uma estrela, cujo núcleo, constituído por sua consciência e coerência em relação ao papel da ciência e dos cientistas na sociedade, se irradia em inúmeras direções de atuação. Essa, no entanto, é a única associação possível entre Carolina e uma estrela: seu comportamento pessoal ... caracteriza-se antes por sobriedade, moderação, discrição, muito trabalho e pouco alarde.” (Carvalho et al., 1998, p.26)

Minha última imagem de Dona Carolina é inesquecível, como muitas outras: de pé, elegante e discreta, como sempre se apresentava, ela estava voltada para uma platéia de centenas de pessoas que a aplaudiam de pé! O dia era 15 de agosto de 2004 e o evento era a sessão de encerramento do último congresso na área de Psicologia de que ela participou: o segundo congresso internacional da Association for Behavior Analysis, realizado em conjunto com o XIII Encontro da Associação Brasileira de Psicoterapia e Medicina Comportamental², realizado em Campinas, São Paulo. Ela estava sendo aplaudida não apenas por seu empenho e apoio ativo para a realização daquele evento, mas sobretudo pelo valor simbólico daquele momento, que coroava e reconhecia a excelência da análise do comportamento no Brasil. Aquelas

¹ Carolina Martuscelli Bori:(1924-2004). É muito difícil falar de Carolina (Dona Carolina, Professora Carolina, minha amiga Carolina), mas não posso deixar de atender ao convite para uma homenagem a ela no Boletim Informativo Contexto da ABPMC. A principal referência para este texto é o volume 9, número 1, do periódico *Psicologia USP*, de 1998, editado por Maria Amélia Matos, no qual o Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo e a comunidade científica prestaram uma homenagem à Professora Emérita Dra. Carolina Martuscelli Bori. O leitor encontra ali o depoimento de pessoas que foram amigas, colegas e colaboradores de Carolina nos mais diversos cenários da vida científica nacional e que evidenciam o espectro e a qualidade de suas relações com ela, como pessoa, como cientista rigorosa e como cidadã engajada.

² Presididos por Hélio José Guilhardi (pela ABPMC) e Linda Hayes (Presidente da ABA), com o apoio de Maria Martha Hübner (Presidente da SBP) e da executiva da ABA, Maria Emma Mallot.

centenas de pessoas eram, no mínimo, interessadas em ou simpatizantes da análise do comportamento; uma grande parcela era composta por analistas atuantes em muitas áreas do cenário nacional, todos com uma história em comum: foram alunos de Carolina ou de algum de seus muitos alunos (mais de 100 realizaram teses e dissertações sob sua orientação). Uma outra parcela era constituída por analistas do comportamento estrangeiros, que puderam conferir a competência dos brasileiros, como cientistas e como organizadores de um evento com aquelas dimensões. Quem esteve lá, sabe do que estou falando. Sentada ao lado de Carolina, e vendo seu sorriso sereno e seu aceno discreto, de agradecimento, eu me lembro de ter pensado que aquela cena representava, em certa medida, a magnitude dos efeitos da introdução da análise do comportamento no Brasil, pela qual ela foi responsável, juntamente com o Professor Fred Keller: aquelas eram pessoas preparadas (ou em preparação) para investigar, ensinar e realizar as promessas e as esperanças que dão ao desenvolvimento da análise do comportamento o sabor de uma grande aventura, que Carolina tanto apreciava. Pensei, também, que nossos colegas do exterior certamente estavam podendo se certificar de que o prêmio conferido a Carolina dois anos antes, durante a Reunião Anual da ABA, em São Francisco, por sua atuação na difusão internacional da Análise do Comportamento, havia sido mais do que merecido³.

Este, certamente, não foi um momento isolado na vida e na carreira da Professora Carolina Martuscelli Bori: ela viveu uma vida plena, produtiva e bem sucedida, dedicada com afinco e paixão à Psicologia, em particular, e à ciência e à educação, de modo geral. Ela tinha plena convicção de que sem desenvolvimento científico não teríamos saída para os graves problemas enfrentados pelo povo brasileiro. Com uma ampla visão do seu espaço e do seu tempo, sabia que a Psicologia era nada, se isolada do restante do movimento científico do país e se dedicou plenamente a fazer ciência, a preparar pessoas para fazerem ciência, a gerenciar condições para que a ciência fosse realizada e difundida. A Psicologia era sua paixão e a USP, sua casa, mas sua generosidade se estendeu para muito além dos limites dessa ciência e desta instituição e ela soube compartilhar com centenas de pessoas, programas e instituições, suas idéias e sua experiência e, sobretudo, o exemplo de persistência e de apego a princípios.

Um resumo muito sumário de sua carreira mostra que ela era licenciada em Pedagogia pela USP (em 1947, quando se formou, ainda não havia curso de Psicologia no Brasil), concluiu mestrado na New School for Social Research nos Estados Unidos, sob orientação de Tamara Dembo e obteve o título de doutora pela USP, em 1954, com uma tese sobre *Os experimentos de interrupção de tarefa e a Teoria de Motivação de Kurt Lewin*, orientada pela Dra. Anita C. M. Cabral. Esse é apenas o lado formal da carreira. Foi professora da USP, primeiro na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (a partir de 1948), depois

³ Fui acompanhante de Carolina naquela viagem e posso testemunhar como o evento foi emocionante. Ela fez um belo discurso, não sem antes lê-lo para o Professor Sidman, para se assegurar de que o tom estivesse apropriado à audiência. Seu sorriso alegre pode ser conferido na fotografia tirada logo depois da sessão de homenagem.

no Instituto de Psicologia, que ajudou a fundar e onde chefiou o Departamento de Psicologia Social e Experimental (1968-1969) e o Departamento de Psicologia Experimental (1969-1971) e instalou e coordenou, de 1970 a 1984, o Curso de Pós-Graduação em Psicologia (e que foi, por muitos anos, o único programa de doutorado em Psicologia no país). Nesta Universidade, recebeu o título de professora Emérita, no momento em que era aposentada compulsoriamente (1994), não sem uma boa dose de indignação, expressa com toda a veemência de que ela era capaz; os 70 anos pareciam não lhe pesar em nada e ela estava disposta a seguir ensinando e militando, como nunca deixou de fazer, a despeito da aposentadoria, até poucas semanas antes de ser vencida pela falência que a tirou de nosso convívio. Ensinou Psicologia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro (1959). Foi Pesquisadora Associada do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, no Rio de Janeiro (1956-1962). Na Universidade de Brasília (1963-1965), organizou e chefiou o Departamento de Psicologia, quando liderou a criação do curso de Psicologia e a implantação do ensino programado individualizado em todo o ciclo básico da Universidade; voltou à UnB como membro do Conselho Diretor (de 1990 a 2004) e ali recebeu o título de *Doutor Honoris Causa*, em 2000 (um evento memorável, na oportunidade em que se realizava na UnB a XXX Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia, da qual ela foi a primeira presidente). Na Universidade Federal de São Carlos, foi Diretora do Centro de Educação e Ciências Humanas (1976-1979), a convite do então Reitor, Dr. Luiz Edmundo de Magalhães; depois dela, nunca outro diretor foi convidado, porque ela se empenhou fortemente pela implantação dos órgãos colegiados na jovem universidade e os diretores, daí em diante, passaram a ser democraticamente eleitos. Na Direção do CECH, foi muito além de uma gestão burocrática e liderou, entre outros movimentos por um desenvolvimento rigorosamente científico da educação, a implantação Programa de Pós-Graduação em Educação Especial (1978), no qual foi Professora Visitante (1982-1983; 1994). Vinte e cinco anos depois, por ocasião das comemorações nesse Programa, foi homenageada pela UFSCar com o título *Doutor Honoris Causa*. Essa longevidade na relação com as instituições de ensino e pesquisa não ocorreu por acaso – é evidência dos vínculos que ela criou e que nunca se romperam, mesmo quando ela precisava se afastar, porque uma sucessão de pessoas sempre ia em busca de seu retorno, de sua ajuda, de sua participação na vida e na evolução das instâncias e das atividades a que ela deu vida.

No cenário internacional, foi Research Associate, no Institute of Latin American Research, da Universidade do Texas, em Austin (1966) e Visiting Professor (1966-1967); foi também vice-presidente da Associação Interciência (com papel destacado na editoração da revista de mesmo nome) e ministrou cursos para difundir a programação de ensino em vários países da América Latina, como bem pode testemunhar o colega Sílvio Botomé, seu colaborador nessas empreitadas.

Sua militância fica evidente no conjunto de ações para a organização do movimento pelo desenvolvimento científico, liderando a criação de sociedades científicas e participando do gerenciamento de tantas outras, sobretudo na

organização de eventos para a difusão e a promoção da pesquisa científica e na defesa da Psicologia como ciência e profissão autônoma. Na Psicologia, presidiu a Associação Brasileira de Psicologia (1954-1955 e 1963-1965), a Sociedade de Psicologia de São Paulo (1960-1961), a Associação de Modificação de Comportamento (1969-1973), a Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (1984-1986), cuja criação dependeu muito de sua liderança, e a Sociedade Brasileira de Psicologia, que resultou da evolução da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto e da qual foi a primeira presidente eleita (1992-1993). No cenário científico mais amplo, foi uma ardorosa militante da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, como associada e como dirigente: Primeira Secretária (1973-1977), Secretária Geral (1977-1981), Vice-Presidente (1981-1986), Presidente (1986-1989) e Presidente de Honra (1989 a 2004). Nas palavras do Professor Aziz Ab'Saber (1998), seu colega da “geração de 1945” da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras,

“seu trabalho e sua colaboração permanente com a SBPC – incluindo participação inteligente e desassombrada em momentos críticos da vida nacional – honram sobretudo sua vida e sua família”
(p.36)

No movimento docente, foi membro do Grupo de trabalho da Associação de Auxiliares de Ensino da USP, responsável pela organização e criação da Associação de Docentes da USP (ADUSP), em 1976, e Segunda Tesoureira da Diretoria Provisória responsável pela implantação da ADUSP naquele mesmo ano.

No que concerne à publicação científica, foi Co-editora de *Psicologia*, da Sociedade de Estudos Psicológicos, uma revista influente e de excelente qualidade e regularidade (quando o cenário era o de um escasso número de periódicos, cuja regularidade era um desafio quase nunca atingido), que ela editava juntamente com Maria Amélia Matos e os então alunos de pós-graduação Júlio de Rose, Elizabeth Tunes e Marilena Ristum Carli; também editou os *Catálogos e Resenhas de Trabalhos sobre Ensino de Ciências e Matemática* e foi Membro do Conselho Editorial de *Ciência e Cultura* (SBPC), *Ciência Hoje* (SBPC), *Arquivos Brasileiros de Psicologia* (Fundação Getúlio Vargas), *Revista de Psicologia* (USP), *Revista de Fisioterapia* (USP), *The Journal of Personalized Instruction* (Georgetown University, EUA), *Interciência* (Associação Interciência).

Emprestou sua força, seu prestígio e seu trabalho criterioso às agências de fomento, ajudando a definir políticas e a implementar programas para o desenvolvimento científico nacional: foi membro do Comitê Assessor em Ciências Humanas e Sociais do Conselho Nacional de Pesquisa – CNPq (1982-1984), membro da Comissão de Implantação do PADCT/CAPES/MEC (1983), e Presidente de Área da Comissão de Acompanhamento e Avaliação de Cursos de Pós-Graduação da CAPES/MEC (1985-1987).

Defendeu a Psicologia como ciência e como profissão, e sua defesa intransigente foi crucial em momentos decisivos na nossa curta história, tanto na

década de 60, quando presidiu a comissão que elaborou o projeto de lei para a regulamentação da profissão no país (1962) e a constituição do currículo mínimo para o Curso de Psicologia, que vigorou por mais de quarenta anos, como nos momentos mais recentes, de redefinição dos cursos, em que, como Presidente da Comissão de Especialistas de Psicologia do Ministério da Educação e do Desporto (1995-1996) e membro da mesma comissão nas gestões subsequentes, até 2002, teve um papel destacado na definição das Diretrizes Curriculares para o Curso de Graduação em Psicologia.

Defendeu a produção nacional de equipamentos para laboratórios de ensino (como parte das condições essenciais para a formação científica) e realizou importante trabalho voltado para o desenvolvimento e o ensino de ciências. Foi Membro do Conselho de Curadores da Fundação Brasileira para o Desenvolvimento de Ciências (1977-1979 e 1983-1985). No Instituto Brasileiro de Educação, Cultura e Ciência (IBECC) – Comissão São Paulo, foi Diretora Secretária Geral (1982-1992), era Diretora Científica desde 1993 e Coordenadora do Núcleo de Documentação sobre Formação Científica por 20 anos (1984-2004). Coordenou, ainda, o Projeto “*Estação Ciência*” da Universidade de São Paulo / CNPq (1990-1994). Finalmente, mas não menos importante, foi Coordenadora do Conselho do Núcleo de Pesquisa para o Ensino Superior (NUPES, 1995-1996) e Diretora Científica, desde 1996, função que exerceu até seus últimos dias.

A listagem dos cargos e posições que ocupou, porém, é muito pouco para falar de Carolina e só quem a conheceu e com ela trabalhou e conviveu de perto pode ter uma dimensão do caráter que ela imprimia a todos esses tipos de atividades e, sobretudo, de como, no exercício dessas funções, ela dispunha as condições para que as pessoas envolvidas pudessem fazer, realizar.

Visão de futuro e pensar grande era com ela mesma; eu me lembro de uma conferência que ela fez em São Carlos, para alunos do Curso de Graduação em Psicologia, quando a primeira turma estava completando o curso. Pensávamos que ela fosse falar sobre um futuro próximo e sobre os rumos que a Psicologia estava tomando. Mas ela nos surpreendeu a todos e foi muito mais longe: fez com a audiência um exercício de pensar como seria o mundo em 2020 ou 2050 (estávamos em 1997 ou 1998), em como as pessoas viveriam (abordou as possibilidades de transporte, habitação, alimentação, trabalho, convivência, criação e cuidados com filhos, educação, comunicação, com uma enorme lucidez e criatividade) e, então, desafiou a todos, e aos jovens estudantes, em particular, a pensar em quais seriam as exigências para uma Psicologia que se pretendesse científica e útil, naquele cenário....

Suas contribuições científicas na Análise do Comportamento foram originais e imensamente valiosas, tanto na análise de contingências na programação de ensino, como na análise de relatos verbais. Muitos dos que hoje realizam competentes análises de contingências nos setores mais variados, tiveram sua iniciação nos célebres cursos de programação que Carolina ministrou na USP. Maria Amélia sintetiza bem o que foi essa contribuição:

“Deu ao sistema personalizado de ensino (PSI) um novo e inteiramente diferente rumo: a Análise de Contingências na Programação de Ensino. Diferentemente da versão do Professor Keller, que centrava-se na análise dos temas e textos a serem estudados e no como isso seria avaliado, a Análise de Contingências em Programação de Ensino voltava-se para a análise das habilidades e conhecimentos necessários para o exercício de uma atividade, e para o planejamento das condições de ensino que favorecessem a aquisição dessas habilidades e conhecimentos. Esse foi, e continua sendo, pois não excedido, o mais pristino exemplo, no Brasil e no exterior, de aplicação dos princípios da Análise do Comportamento à análise de contingências envolvidas no ensinar e no aprender.” (Matos, 1998, p.70).

Foi muito parcimoniosa para escrever, mas criou todas as condições para que outros o fizessem; aquilo que criou na Psicologia mostra-se menos como produto publicado, do que como efeitos no comportamento de outros, que ela modelou e manteve e nas instituições que criou e ajudou a consolidar – sociedades científicas, núcleos de trabalho, departamentos, programas de pós-graduação, veículos de divulgação.

Foi uma brasileira do seu tempo ou, melhor dizendo, muito à frente de seu tempo, e sua obra vai sobreviver no pensamento e na ação das gerações que conviveram e aprenderam.

Vamos sentir saudade, muita saudade, mas não menos forte será o sentimento de que ela segue conosco.

REFERÊNCIAS

Ab'Saber, A. N. (1998). Carolina Bori: a essência de um perfil. *Psicologia USP*, 9 (1), 35-36.

Carvalho, A. M. A., Matos, M. A., Tassara, E. T. O., Rocha e Silva, M. I., & Souza, D. G. (1998). Carolina Bori, Psicologia e Ciência no Brasil. *Psicologia USP*, 9 (1), 25-30.

Matos, M. A. (1998). Carolina Bori: A psicologia brasileira como missão. *Psicologia USP*, 9 (1), 67-70.